



Análise sobre como o jornalismo literário atua na preservação da memória social¹

Marielly Santos GRABNER²

Vanessa Luiza de WALLAU³

Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz – FAG

1 Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar de que forma o jornalismo literário contribui para a preservação da memória social, destacando elementos que evidenciam sua importância enquanto ferramenta de registro histórico e valorização das narrativas coletivas.

Os pesquisadores ainda não chegaram a uma definição exata sobre o conceito de jornalismo literário; ele é classificado de diversas maneiras. De modo geral, o jornalismo literário é visto como uma junção de conhecimentos, técnicas e estilos narrativos que devem estar a serviço das rotinas de produção jornalística, proporcionando uma visão ampliada da realidade e garantindo a profundidade dos relatos.

Dessa forma, é possível compreender o jornalismo literário como uma prática interligada a diversos campos do conhecimento humano, rompendo com os padrões tradicionais do lide e contribuindo para a formação do cidadão e para o bem comum. Isso ocorre porque, nesse modelo, há espaço para ouvir o cidadão comum e fontes anônimas, criando alternativas para preencher lacunas e explorar pontos de vista que muitas vezes não são abordados pelos formatos convencionais.

Segundo o dicionário *Michaelis*, a palavra preservação significa um conjunto de ações que têm por objetivo garantir a integridade e a perenidade de algo. Segundo Benedito Barbosa Pupo (1984), quando se trata da preservação da memória social, o jornalismo assume um papel fundamental, pois atua na defesa da memória coletiva, ajudando a manter vivos os testemunhos do patrimônio histórico. Os jornais funcionam

¹ Resumo expandido apresentado no GT pesquisa na graduação, VIII Encontro Regional Sul de Ensino Jornalismo (Erejo Sul).

² Acadêmica de Jornalismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG). Temas de pesquisa: jornalismo literário, preservação, memória social. Email: msgrabner@minha.fag.edu.br.

³ Professora orientadora. Docente do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG). E-mail: vanessaluiza@fag.edu.br.



como documentos que apresentam recortes da realidade e que acabam se tornando registros, compondo a memória social de uma população. A partir do momento em que uma notícia é publicada, ela passa a ter um registro formal e, posteriormente, pode se converter em instrumento de educação, pois guarda informações e relatos que revelam o cotidiano dos povos, das regiões e das sociedades.

Sendo assim, é evidente que o jornalismo mantém relações significativas com a história, funcionando como uma ferramenta de recuperação do passado. É um mecanismo capaz de transformar tragédias, notícias e acontecimentos em fatos históricos que contribuíram para o acervo cultural do país. Essas memórias, reunidas em livros, documentários, podcasts, entre outros meios, tornam-se parte da memória social e uma forma de eternizar os acontecimentos para as vítimas, famílias e sobreviventes que valorizam esse tipo de registro.

Segundo Izquierdo (2011, p 11-12), memória significa aquisição, conservação e evocação de informações. A evocação também é chamada de recordações, lembranças, recuperação. A história, nesse contexto, pode ser comparada a um pergaminho que registra todas as memórias a ela confiadas. No entanto, esse pergaminho se deteriora com o tempo, sendo papel do jornalista cuidar para que essas memórias não se percam com os anos — o que pode ser feito por meio do jornalismo literário, já que ele abrange diferentes pontos de vista.

2 Metodologia

Este trabalho utiliza o método de pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, fundamentada na análise de obras acadêmicas, artigos científicos e livros que tratam dos conceitos de memória social e jornalismo literário. A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2008), consiste no levantamento e na análise de produções já publicadas, permitindo a compreensão aprofundada do tema a partir de referenciais teóricos consolidados.

A seleção do material considerou produções relevantes que abordam a inter-relação entre jornalismo, narrativa, memória e identidade social. O objetivo principal da análise é compreender de que maneira o jornalismo literário atua como instrumento de preservação da memória social, ao registrar acontecimentos, vozes e



perspectivas que, muitas vezes, não encontram espaço nos formatos tradicionais do jornalismo.

A análise do material foi conduzida de forma interpretativa e crítica, com foco na identificação de elementos que evidenciem a contribuição do jornalismo literário para a valorização da memória coletiva, a construção da identidade cultural e a preservação de narrativas sociais.

3 Fundamentação teórica

O jornalismo literário tem seu início na década de 60, com o surgimento do movimento New Journalism, que se caracteriza pela utilização de técnicas do romance realista para a composição de matérias jornalísticas. Porém, para um texto ser considerado parte do gênero jornalismo literário é necessário que ele tenha algumas características que são citadas em um trecho do posfácio realizado pela Matinas Suzuki Jr. no livro Hiroshima:

Os especialistas exigem alguns requisitos para que uma obra possa ser classificada como jornalismo literário. Ela deve ser publicada em um jornal ou revista (a partir dos anos 80, com a diminuição crescente do espaço nos jornais e revistas, alguns autores passaram a publicar reportagens diretamente na forma de livro; no Brasil, essa foi a única maneira de o jornalismo literário sobreviver). Ela precisa estar ancorada em fatos. Sua matéria-prima é o trabalho de grande apuração: muitas entrevistas, muito bate-pé de repórter, pesquisa em arquivos, exaustiva investigação de fatos, levantamento de dados (Suzuki Jr. in Hersey, 2002: 170).

Esta forma de exercer o jornalismo, que se iniciou a partir da década de 60, é mais do que uma escrita que possui técnicas da literatura e que pretende instigar, seduzir, provocar sensações no leitor. O jornalismo literário foge das visões óbvias sobre a realidade, trazendo pontos de vistas que não estão disponíveis na mídia tradicional. Segundo Borges (2013), no jornalismo literário o repórter, quando começa a contar como se deu determinado fato, assume o papel de agente principal da enunciação, desta forma tendo margem para assumir outras funções no texto, como narrador onisciente, personagem central e voz narrativa neutra.

O jornalismo literário tem como objetivo dar vida e voz ao outro, principalmente para as pessoas que são marginalizadas e esquecidas pela grande massa da



comunicação. Desta forma “dar cor e sangue aos acontecimentos, que não ‘acontecem’ naturalmente, mas são produzidos por homens reais, quer das elites, quer do povo (...)” (Gomes, 2004, p. 126).

E para o jornalista, o conceito abre portas para além da redação fornecendo ao jornalista uma experiência única, como cita Pena (2006) em seu livro *Jornalismo Literário*:

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (Pena, 2006, p. 13).

Desta forma, o literário utiliza de fatos da realidade e se dedica somente a ela, sendo em muitos casos também um desafio para os jornalistas, como afirma Lima (2010) ao falar do gênero.

Para que o texto seja capaz de contar histórias reais com a riqueza de sentidos típicas de como as coisas de fato acontecem, o jornalismo literário precisa esmerar-se. Por isso trabalha um bom conjunto de ferramentas e procedimentos narrativos - técnicas de como contar as histórias -, alguns deles originários do próprio jornalismo, outros procedentes da literatura de ficção. [...] O jornalismo literário sabe que seu desafio é particularmente complexo, pois produz narrativas bem articuladas, mas está limitado pelos elementos que a realidade lhe dá (Lima, 2010, p. 17).

Além de ser um desafio aos jornalistas propondo experiências unidas, dar voz às pessoas e instigar o leitor, o jornalismo literário também exerce um importante papel na preservação da memória social.

A memória social se trata de uma reunião de lembranças, acontecimentos que foram compartilhados por uma comunidade ou sociedade que faz parte da identidade coletiva. Segundo Paul Ricoeur (2003), as nossas recordações são, presumivelmente, relatos que nos foram contados por outras pessoas. Sendo o papel do jornalista de estar realizando esta transmissão dos fatos acontecidos, pois esta troca tem o papel de servir para o conhecimento para os estudantes e profissionais que não passaram por esta



situação, a fim de transmitir ocorrido como forma de prevenção e alerta para que não ocorra novamente uma situação como a relata.

O jornalismo e a história possuem relações diretas, pois o jornalismo atua como uma ferramenta de recuperação da memória do passado, desta forma o jornalismo tem como ser entendido como um “papel socialmente legitimado para produzir construções da realidade que são publicamente relevantes” (Alsina, 1996, p. 18). Sendo assim, é função do jornalista reconhecer os acontecimentos importantes para a sociedade, e transmitir por meio dos veículos de comunicação, desta forma deixando documentado e disposto na memória social.

Pois, como diz Maurice Halbwachs (2006, p. 93), “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”.

A relação do jornalismo literário com a preservação da memória social ocorre ao ser utilizado a profundidade da literatura ao narrar os eventos ocorridos, transformando esse esse registro em algo mais duradouro e reflexivo, contextualizando o ocorrido através da exploração de outros aspectos como emoções, comportamentos, tornando um lugar que auxilia na construção da identidade social e da história.

4 Conclusão

O presente trabalho teve como objetivo analisar o papel do jornalismo literário na preservação da memória social. A análise evidenciou que a narrativa literária no jornalismo possui o potencial de resgatar histórias e memórias que integram a identidade coletiva, extrapolando a função meramente informativa para se configurar como um registro da memória social. Ao inserir-se na dimensão histórica, o jornalismo literário contribui significativamente para a construção da memória coletiva. Diante disso, recomenda-se o aprofundamento deste debate em pesquisas futuras, considerando que esse campo da comunicação influencia diretamente na forma como os acontecimentos contemporâneos serão lembrados e acessados pelas gerações futuras.



Referências

ALSINA, Miguel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós, 1996.

BORGES, Rogério. **Jornalismo Literário: teoria e análise**. Florianópolis: Insular, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, A. (1998). Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. In: **Estudos Históricos** – Arquivos Pessoais, Rio de Janeiro, v.11, n.21: 121-127.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

IZQUIERDO, I. **Memória**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018. ISBN 978-85-82714-91-1.

LIMA, Edvaldo. **Jornalismo Literário para iniciantes**. São Paulo: EDUSP, 2010.

MICHAELIS: Dicionário Escolar Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2011. 951 p. Disponível em:
<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/preservaca>. Acesso em: 18 out. 2025.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

Pupo, Benedito Barbosa. *A importância do jornalismo em defesa da qualidade de vida*. Palestra proferida no Curso sobre Políticas de Preservação do Patrimônio Histórico, promovido pela Associação de Engenheiros e Arquitetos de Campinas, em novembro de 1984, Campinas: AEAC, 1984

RICOEUR, Paul. *Memory, history, oblivion*. Conferência proferida em 8 mar. 2003, Budapeste (Hungria). In: *Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism*, conferência internacional, Budapeste, 8 mar. 2003.

SUZUKI JR, Matinas. Jornalismo com H. In: HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 161-172.